

A violência contra a mulher na literatura contemporânea argentina

Violence Against women in contemporary Argentinean literature

Carolina Montebelo Barcelos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO

De acordo com o Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe, em 2021, 11 países registraram uma taxa de feminicídio superior a uma vítima por cada 100.000 mulheres, estando a Argentina na terceira posição do ranking em números absolutos, precedida pelo Brasil e pelo México. Destarte, a literatura latino-americana contemporânea vem reverberando a violência de gênero como ponto central das narrativas. Desse modo, examinam-se, neste artigo, duas produções literárias argentinas: a novela *Le viste la cara a Dios*, de Gabriela Cabezón Cámara, e o romance *Garotas mortas*, de Selva Almada. Para fins de suporte teórico, são cotejados com os textos literários análises da violência contra a mulher e do feminicídio levadas a cabo pelas antropólogas Rita Laura Segato, Marcela Lagarde y de Los Ríos e Esther Pineda, assim como pela teórica Diana Russell. Nas considerações finais é discutido, tendo como base os textos literários analisados, como a estrutura patriarcal arraigada na sociedade latino-americana é responsável pela violência de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Representação. Violência de gênero. Feminicídio. Patriarcado. Literatura Contemporânea Argentina.

ABSTRACT

According to the Gender Equality Observatory for Latin America and the Caribbean, in 2021, 11 countries recorded a femicide rate above a victim per 100.000 women, and Argentina is the third position in the ranking in absolute numbers, preceded by Brazil and Mexico. Contemporary Latin American literature has been reverberating around gender violence as the central focus of narratives. Thus, it is examined in this article two Argentinean literary productions: *Le viste la cara a Dios*, by Gabriela Cabezón Cámara, and *Garotas mortas*, by Selva Almada. For the purposes of theoretical underpinning, the analysis by Rita Laura Segato, Marcela Lagarde y de Los Ríos, Esther Pineda and Diana Russell regarding femicide are used, as well as the theoretician Diana Russell. It is discussed in the final considerations,

Carolina Montebelo Barcelos

Graduação em Artes Cênicas pela UNIRIO em 2004. Mestre em Estudos de Literatura Brasileira pela PUC –Rio em 2012 e Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio em 2016, com estágio de Doutorado no departamento de Theatre Arts and Performance Studies da Brown University com Bolsa Sanduíche da CAPES. Atua como professora e pesquisadora de teatro e de literatura. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2644-0704>

Recebido em:
27/09/2023

Aceito em:
07/11/2023

NOVEMBRO/ 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 149-160

having the literary texts analysed as the basis, how the patriarchal structure rooted in Latin American society is responsible for gender violence.

KEYWORDS

Representation. Gender violence. Femicide. Patriarchy. Contemporary Argentinean Literature.

1. Introdução

Durante a década de 1990, a Ciudad Juárez, no estado de Chihuahua, no México, sofreu com uma série de assassinatos de mulheres, que foram violadas e torturadas antes de serem mortas. Muitos desses casos não foram esclarecidos e diversas instâncias jurídicas foram apontadas como negligentes, inclusive pela Corte Interamericana de Direitos Humanos.

Foi devido a essa série de assassinatos que a antropóloga mexicana Marcela Lagarde y de los Ríos utilizou pela primeira vez na América Latina o termo feminicídio, o qual foi introduzido nas ciências sociais e nos estudos de gênero pela teórica feminista sul-africana Diana Russell. O termo foi inicialmente usado por Russell em Bruxelas, na Bélgica, no Tribunal Internacional de Crimes Contra a Mulher, em 1976, para descrever homicídios de mulheres por razão de gênero, fazendo distinguir-se, portanto, tais crimes de homicídios comuns.

O termo usado por Russell, em inglês, é *femicide*. No entanto, conforme explicado por Marcela Lagarde y de Los Ríos, “Em castelhano *femicide* é uma voz homóloga a homicídio e apenas significa assassinato de mulheres¹” (2004, p. 7). Assim, ela preferiu o termo feminicídio, por entender que ele exprime a ideia de assassinato de mulheres por questão de gênero, e assim tem sido usado em vários países da América Latina. Posteriormente, em 1992, Russell, em coautoria com Jill Radford, publicou o livro *Femicide. The politics of woman killing (Femicídio. A política de assassinato de mulheres)*. Desde então, vários livros sobre o tema têm sido publicados por ativistas feministas, sociólogas e antropólogas.

A despeito dessas publicações, além de pesquisas e implementação de leis que protegem as mulheres e punem crimes de violência de gênero e de feminicídio, conforme aponta um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas, “tem havido progressos escassos na redução da violência contra a mulher²” (2006, p. 15). O estudo também adverte que “A violência contra a mulher é [...] universal, pois não há nenhuma região do mundo, nenhum país e nenhuma cultura que tenha conseguido fazer com que as mulheres estejam livres de violência³” (2006, p. 32).

Destarte, de acordo com a ONU Mulheres (2017), a América Latina é a região do mundo, fora das zonas de guerra, com os maiores índices de vio-

1 No original: “En castellano *femicidio* es una voz homóloga a homicidio y sólo significa asesinato de mujeres”. Tradução nossa.

2 No original: “ha habido escasos progresos en la reducción de la violencia contra la mujer”. Tradução nossa.

3 No original: “La violencia contra la mujer es [...] universal, pues no hay ninguna región del mundo, ningún país y ninguna cultura en que se haya logrado que las mujeres estén libres de violencia”. Tradução nossa.

lência contra as mulheres e de feminicídio, e o Brasil, o México e a Argentina, nessa ordem, lideram os índices de feminicídio⁴ (ONU-CEPAL, 2021).

O estudo realizado pela ONU também indica que as vítimas de feminicídio são meninas e mulheres de todas as idades e condições socioeconômicas e educativas (2006, p. 22), o que é corroborado por Marcela de Lagarde y de Los Ríos, ao afirmar que tanto nas classes exploradas quanto na classe burguesa há violência contra a mulher devido a homens autoritários e violentos (2015, p. 349).

Também é importante observar que, embora os homens sejam assassinados em maior número, isso não ocorre por questão de gênero, isto é, não são assassinados por serem homens, como é o caso do feminicídio. Além disso, o índice de mulheres homicidas é bem menor do que o de homens (SEGATO, 2021, p. 213). Ainda, conforme estudo da ONU,

as características dos assassinatos de mulheres são muito diferentes das dos assassinatos de homens e frequentemente compreendem aspectos de violência doméstica, zelo extremo e possessividade [...], disputa sobre dote ou questões de “honra”. Ademais, frequentemente estão acompanhados por violência sexual⁵ (2006, p. 77-78).

As letras e as artes vêm reverberando, na América Latina, os crimes de gênero. Desse modo, o objetivo desse artigo é analisar a representação da violência contra a mulher e o feminicídio na literatura argentina, mais precisamente em *Le viste la cara a Dios*, de Gabriela Cabezón Cámara, publicado pela primeira vez em espanhol em 2011, e *Garotas mortas*, de Selva Almada, publicado também pela primeira vez em espanhol em 2014. Para fins de aporte teórico, tais obras são cotejadas com romances, artigos e livros de Marcela Lagarde y de Los Ríos; da também antropóloga argentina Rita Laura Segato; com um livro da socióloga venezuelana Esther Pineda, além das explicações conceituais sobre o feminicídio desenvolvidas pela teórica e ativista feminista Diana Russell.

2. “A tortura ali não acaba”: *Le viste la cara a Dios*

À Gabriela Cabezón Cámara foi feito um convite, em 2010, por uma editora, para recriar, junto com outros escritores, contos infantis direcionados ao público adulto. Assim, a escritora argentina escolheu *A bela adormecida*, e sua ideia foi, então, de conceber uma personagem submetida à escravidão sexual que procura dormir para esquecer, por alguns momentos, a dor do corpo.

Inicialmente publicado em 2011 como conto, *Le viste la cara a Dios* ganhou outra publicação em 2013 como novela gráfica, com ilustração de Iñaki Echeverría, intitulada *Beya (le viste la cara a Dios)*, e, em 2019, como novela pela Penguin, que é a versão utilizada aqui.

4 Em números absolutos.

5 No original: “las características de los asesinatos de mujeres son muy diferentes de las de los asesinatos de hombres y frecuentemente comprenden aspectos de violencia doméstica, celos extremos y posesividad [...], litigios sobre la dote o cuestiones de “honor”. Además, frecuentemente están acompañados por violencia sexual”. Tradução nossa.

Em linhas gerais, a protagonista Beya é uma jovem que um dia é sequestrada por uma rede de tráfico de mulheres para a prostituição. Vítima de constantes torturas e violações, Beya procura aplacar a dor da mente e do corpo se imaginando encontrando-se com Deus. O nome da personagem é dado a partir da palavra bela em espanhol – *bella* – que é lido em castelhano como *beya*. Por sua vez, o título da novela, *Le viste la cara a Dios*, tem duplo sentido, tanto a tradução literal “Você viu a cara de Deus”, quanto uma expressão utilizada na Argentina que se refere a homens jovens que têm a primeira relação sexual em um prostíbulo como rito de passagem.

A novela é narrada na segunda pessoa do singular e é dividida em três partes. Logo no início da primeira parte, a narradora diz:

Se o objetivo do torturador é provocar a presença absoluta da pessoa que ele mantém atada, para subjugar-la inteiramente por meio da dilaceração e da dor, o objetivo do torturado é pegar o bastão, sair dali, deixar o corpo que perde o fôlego nas mãos do outro, amarrado com cordas e numa masmorra sem saída: se a matança mata sete, é seu escorregar no teu sangue e nas poças de leite que te afogam e te queimam⁶ (CÁMARA, 2019, p. 3).

O que segue, portanto, é a descrição de tais torturas, como “tu estás violeta, azul, um pouco verde, com marcas de mil mordidas e com cortes de unhas duras e com o cu e a xoxota já quase esgarçados⁷” (CÁMARA, 2019, p. 10). Esther Pineda assinala que a violência e a tortura são “formas para obter a excitação e satisfação sexual⁸” (2019, p. 71), tal como ocorre em muitos vídeos e filmes de pornografia. A tortura a que Beya é submetida também inclui ser obrigada a consumir cocaína para aguentar as quinze horas seguidas em que é prostituída em um prostíbulo em Lanús, província de Buenos Aires.

As sociólogas e professoras da Universidade de Buenos Aires Mariella Peller e Alejandra Oberti (2020) fazem uma analogia das descrições das torturas em *Le viste la cara a Dios* com aquelas ocorridas durante a ditadura militar na Argentina e veem o prostíbulo de Lanús semelhante aos centros de detenção daquele regime de exceção. Isso pode ser observado na seguinte passagem:

Se te deixassem pensar em outra coisa que não o fim daquela surra contínua, tu pensarias que a tortura tinha seu próprio dicionário: arrancaram de ti tuas palavras e colocaram as delas em ti, tão dolorosas e sujas quanto o mar de membros pontiagudos que te sacode agora como um pequeno barco, um tsunami⁹ (CÁMARA,

6 No original: “Si el fin del torturador es provocar la presencia absoluta del que tiene atado para sojuzgarlo entero con laceración y dolor, el objetivo del torturado es tomarse el palo, irse de ahí, partir del cuerpo que pierde el aliento a manos de otro, amatambado de sogas y en mazmorra sin salida: si a matasiete el matambre, a vos el resfalar en tu sangre y en los charcos de la leche que te ahoga y que te arde”. Tradução nossa.

7 No original: “estás violeta, azul, un poco verde, con marcas de mil mordidas y con tajos de uñas duras y con el orto y la concha ya casi deshilachados”. Tradução nossa.

8 No original: “formas para acceder a la excitación y satisfacción sexual.” Tradução nossa.

9 No original: Si te dejaran pensar en algo más que el final de esa paliza continua, pensarías que la tortura tiene diccionario propio: te arrancaron tus palabras y te metieron las de ellos, tan dolorosas y sucias como el mar de miembros punzantes que te sacuden ahora como a un

2019, p. 3).

Várias violências físicas são narradas utilizando a matança de gado e o comércio de carne como metáfora do corpo da mulher prostituída como mercadoria, como um pedaço de carne: “eles podem te matar como um porco e depois te cortar como se fosse um presunto¹⁰” (CÁMARA, 2019, p. 9), “eles te fizeram pura carne pela força do golpe e do pau¹¹” (CÁMARA, 2019, p. 3) e “eles ainda te amam por todos os teus quilos vivos de carne macia e pulsante e aí tu podes parar para sair com alma e corpo daquele matadouro infectado¹²” (CÁMARA, 2019, p. 8).

Trata-se, nessas passagens da novela, de uma referência a *El matador*, conto de Esteban Echeverría que fundou a literatura nacional argentina. No conto, o matadouro é uma metáfora da Argentina de meados do século XIX, e a matança de gados representa os assassinatos de opositores ocorridos durante o regime do caudilho Juan Manuel Rosas. Há, também, em *El matador*, uma cena de estupro, usada como metáfora da construção da nação.

Em relação à mulher prostituída, diz a narradora: “porque a tortura aí dentro não termina nem se acaba como não se acaba nunca a colheita de mulheres¹³” (CÁMARA, 2019, p. 9). Ainda a narradora sobre a fala dos amigos de El Rata, o dono do prostíbulo: “tuas putas rendem mais que as vacas do fazendeiro¹⁴” (CÁMARA, 2019, p. 6). E sobre o próprio El Rata: “Ele gostaria de te matar, se não gostasse mais de fazer dinheiro com tua carne¹⁵” (CÁMARA, 2019, p. 6).

De acordo com Diana Russell,

O feminicídio se encontra no extremo de um contínuo de aterrorização sexista a mulheres e jovens. Violação, tortura, mutilação, escravidão sexual, [...] mau-trato físico e emocional e casos sérios de assédio sexual também se encontram neste contínuo. Sempre que estas formas de terrorismo sexual resultam na morte, se convertem em feminicídios¹⁶ (2006, p. 58).

Embora Beya tenha sido vítima de muitos destes crimes descritos por

barquito un tsunami”. Tradução nossa.

10 No original: “ellos te pueden pasar a degüello como a un chancho y filetearte después como si fueras jamón”. Tradução nossa.

11 No original: “te hicieron pura carne a fuerza de golpe y pija”. Tradução nossa.

12 No original: “te siguen queriendo por todos tus kilos vivos de carne suave y latiente y ahí te podés parar para irte con alma y cuerpo de ese matadero infecto”. Tradução nossa.

13 No original: “porque la tortura ahí adentro no termina ni se acaba como no se acaba nunca la cosecha de mujeres”. Tradução nossa.

14 No original: “Sus putas rinden más que las vacas del estanciero”. Tradução nossa.

15 No original: “Le gustaría matarte si no le gustara más hacer guita con tu carne”. Tradução nossa.

16 No original: “El feminicidio se encuentra en el extremo de un continuo de aterrorizamiento sexista a mujeres y jovencitas. Violación, tortura, mutilación, esclavitud sexual, [...] maltrato físico y emocional, y casos serios de acoso sexual se encuentran también en este continuo. Siempre que estas formas de terrorismo sexual desembocan en la muerte, se convierten en feminicídios”. Tradução nossa.

Russell, conseguiu fugir do prostíbulo, evitando, assim, ser assassinada. Uma outra prostituta, no entanto, foi vítima de feminicídio.

A denúncia de Gabriela Cabezón Cámara do tráfico de mulheres para prostituição e `escravidão sexual atinge não só aqueles que ganham dinheiro com a prostituição, mas autoridades também, corrupção infelizmente comum na América Latina. Desse modo, a narradora elenca uma série deles como clientes do prostíbulo: juiz, governador, polícia (CÁMARA, 2019, p. 12). Embora não esteja implícito na novela, é possível analisar a presença desses clientes à luz da impunidade dos crimes de exploração da prostituição, do tráfico de mulheres e da escravidão sexual, pois, como informa a narradora: “menos que menos que os frios, a mortadela picada que o juiz que protegia o Rata Cuervo fez de ti¹⁷” (CÁMARA, 2019, p. 23-24).

Ainda, uma prostituta conta ao juiz que havia sido sequestrada e era mantida presa no prostíbulo de Lanús e, portanto, pede a ele que a tire daquele lugar. No entanto, “O juiz sabia muito bem disso, ele recebia dez por cento ao mês e também todo o sexo que quisesse sem pagar um tostão, então assim que terminou foi falar com o Rata Cuervo para que mandasse a imbecil em seu lugar. E Rata Cuervo a pôs¹⁸” (CÁMARA, 2019, p. 18). Colocá-la em seu lugar, nessa passagem, significa matá-la. Desse modo, o juiz representa aqueles que deviam proteger as mulheres, mas são seus algozes, participando da empresa de exploração sexual e fazendo com que a violência, a prostituição forçada e o feminicídio sejam normalizados e se perpetuem.

3. “A memória foi reavivada”: uma análise de Garotas mortas

Publicada pela primeira vez na Argentina em 2014 com o título *Chicas muertas*, *Garotas mortas* foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 2018. Nele, Selva Almada é a personagem/narradora explorando suas memórias, particularmente de mulheres vítimas de violência e de feminicídio, em meio ao processo de redemocratização do país, em sua cidade-natal, a província de Entre Ríos, na Argentina.

O primeiro caso narrado é o assassinato de Andrea Danne, jovem de 19 anos apunhalada no coração na cama de sua casa, enquanto dormia, em 1986. Assim diz a narradora:

Eu tinha treze anos e, naquela manhã, a notícia da garota morta me chegou como uma revelação. Minha casa, a casa de qualquer adolescente, não era o lugar mais seguro do mundo. Você podia ser morta dentro da sua própria casa. O horror podia viver sob o mesmo teto (ALMADA, 2018, p. 12).

O horror ao qual a narradora se refere diz respeito à possibilidade real de uma mulher ser assassinada em seu próprio lar. Nesse sentido, Diana

17 No original: “Menos que menos el fiambre, la mortadela picada, que les hiciste del juez que protegía al Rata Cuervo”. Tradução nossa.

18 No original: “El juez lo sabía muy bien, recibía un diego al mes y además todos los polvos que quería sin pagar una moneda, así que acabó y se fue a hablar con el Rata Cuervo para ordenarle que pusiera a la pendeja en su lugar. El Rata Cuervo la puso”. Tradução nossa.

Russell assinala que “A maioria das pessoas também são incapazes de reconhecer que a família nuclear tem funcionado como um minicampo de concentração para milhões de meninas e mulheres¹⁹” (2006, p. 349). Embora não saibamos quem matou Andrea, desconfia-se que tenha sido o pai ou a mãe, já que a casa estava fechada, sem sinal de invasão, e eles eram os únicos ali.

A observação de Russell é também explicada por Esther Pineda, para quem “[...] o âmbito doméstico é onde se faz mais comum e frequente o feminicídio. Ao contrário do imaginário popular onde o lar se apresenta como provedor de segurança, este espaço se revela como o de maior risco para uma mulher; onde há mais probabilidades de ser assassinada...”²⁰ (2019, p. 48). Nessa assertiva, Pineda enumera quem, geralmente, é responsável pelo ato criminoso no lar: marido, irmão, pai e filho. E a explicação para isso é que “é no lar onde as mulheres começam a questionar e transgredir a ordem patriarcal sexista, heteronormativa e androcêntrica²¹” (PINEDA, 2019, p. 48).

Podemos complementar essa explicação de Pineda; o lar se estende para o meio em que a mulher vive. Marcela Lagarde y de los Ríos confirma isso ao afirmar que “Nem todos os crimes são realizados por assassinos em série: há os seriais e individuais, alguns são cometidos por conhecidos: parceiros, parentes, namorados, esposos, companheiros, familiares, visitas, colegas e companheiros de trabalho²²” (2004, p. 7-8). A tia da narradora, por exemplo, conseguiu se desvencilhar de um primo quando ele tentou estuprá-la. Outra passagem de *Garotas mortas* também ilustra a afirmação de Lagarde:

Desde pequena nos ensinavam que não devíamos falar com estranhos e que devíamos tomar cuidado com o Tarado. [...] Era quem podia te violentar se você andasse sozinha tarde da noite ou se aventurasse por lugares desertos. [...] Nunca ninguém falou que você podia ser estuprada pelo marido, pelo pai, pelo irmão, pelo vizinho, pelo professor. Por um homem em quem você tem toda a confiança” (ALMADA, 2018, p. 36-37).

Essa reflexão da narradora foi feita a partir do conhecimento de que o personagem López, um açougueiro, abusava sexualmente da esposa e, um dia, ela o denunciou. Como afirma Marcela Lagarde y de los Ríos, o estupro acontece no matrimônio e em relações de casais (2015, p. 344). Embora a

19 No original: “La mayoría de las personas también son incapaces de re conocer que la familia nuclear ha funcionado como un mini campo de concentración para millones de niñas y mujeres”. Tradução nossa.

20 No original: “[...] el ámbito doméstico es donde se hace más común y frecuente el femicidio. Contrario al imaginario popular donde el hogar se presenta como proveedor de seguridad, este espacio se erige como el de mayor riesgo para una mujer; donde tiene más probabilidades de ser asesinada”. Tradução nossa.

21 No original: “es en el hogar donde las mujeres comienzan a cuestionar y transgredir el mandato patriarcal sexista, heteronormativo y androcêntrico”. Tradução nossa.

22 No original: “No todos los crímenes son [...] realizados por asesinos seriales: los hay seriales e individuales, algunos son cometidos por conocidos: parejas, parientes, novios, esposos, acompañantes, familiares, visitas, colegas y compañeros de trabajo”. Tradução nossa.

esposa de López o tenha denunciado pela série de estupro, Lagarde alerta que “nem a sociedade nem as vítimas nem os cônjuges o concebem como tal. [...] denunciá-lo implica para muitas trais o pacto de cumplicidade [...] e a esperança de que as coisas melhorem no futuro. A denúncia pode conduzir à indesejada ruptura²³” (2015, p. 344).

Várias outras personagens do romance foram estupradas, uma, após ser sequestrada, foi violada por quatro homens e, dias depois, conseguiu fugir do cativeiro. Outra foi espancada e estuprada por dois homens na saída de um baile. Após se cansarem, “continuaram a violentá-la com uma garrafa” (ALMADA, 2018, p. 14). Já o corpo de María Luisa Quevedo foi achado em um terreno baldio; após ser estuprada, foi estrangulada (ALMADA, 2018, p. 12). Em relação à violência sexual, Rita Laura Segato problematiza a questão da libido masculina ao ponderar que “[...] o ato de violação de um corpo não é necessariamente, como o senso comum concebe, o resultado de um desejo sexual incontido, mas um ato exibicionista de dominação²⁴” (2021, p. 216). Dessa forma, Segato prefere usar o termo “crimes por meios sexuais” no lugar de “crimes sexuais”, uma vez que “a motivação não é do âmbito da sexualidade e sim do âmbito da dominação²⁵” (2021, p. 216).

Em meio a uma série de crimes contra mulheres, em um tempo, embora recente, em que não se falava de feminicídio na América Latina, a narradora admite: “Eu não sabia que uma mulher podia ser morta pelo simples fato de ser mulher, mas tinha escutado histórias que, com o tempo, fui ligando umas às outras. Casos que não terminavam com a morte da mulher, mas que ela era objeto de misoginia, do abuso, do desprezo” (ALMADA, 2018, p. 13). Assim, ao longo do romance, são narrados vários casos que exemplificam o pensamento da narradora. Um é do personagem Cachito, que “xingava a namorada a três por dois porque ela se pintava, ou porque usava roupas agarradas, ou porque ela vivia conversando com outro rapaz” (ALMADA, 2018, p. 37). Até que um dia Cachito encharcou a casa da namorada de que-rosene e ameaçou incendiá-la. Há também o caso de uma amiga da mãe da narradora que não se maquiava porque o marido não deixava, outra que entregava o salário inteiro ao marido, e mais uma que não usava sapatos de salto alto porque o marido dizia que era “coisa de puta” (ALMADA, 2018, p. 37). Trata-se, nesses casos, de violência psicológica, em que o marido, noivo ou namorado cerceia a liberdade da mulher. A esse respeito, Lagarde explica “[...] a violência psicológica e física que os homens exercem sobre as mulheres a quem agridem de mil formas: as ignoram, gritam com elas, as ridicularizam, as humilham, as torturam, as golpeiam e as castigam²⁶”

23 No original: “ni la sociedad ni las víctimas [...], ni los cónyuges la conciben como tal (2015, p. 344). “[...] denunciarlo implica para muchas traicionar el pacto de complicidad [...] y la esperanza de que las cosas mejoren en el futuro. La denuncia puede conducir a la indeseada ruptura”. Tradução nossa.

24 No original: “[...] el acto de violación de un cuerpo no es necesariamente, como lo concibe el sentido común, el resultado de un deseo sexual incontenible sino un acto exhibicionista de dominación.”. Tradução nossa.

25 No original: “la motivación no es del ámbito de la sexualidad y sí del ámbito de la dominación”. Tradução nossa.

26 No original: “[...] la violencia psicológica y física que ejercen los hombres en distintos grados sobre las mujeres a quienes agriden de mil formas: las ignoran, les gritan, las

(2015, p. 345).

Alguns fenômenos de violência psicológica foram recentemente cunhados na língua inglesa como o *gaslighting*, em que o homem manipula fatos para que a mulher duvide de sua própria memória, o *body shaming*, para fazer com que a mulher tenha vergonha de seu próprio corpo, o *slut shaming*, que procura constranger a mulher pela sua vida sexual ativa e livre, e o *revenge porn*, que consiste na divulgação de fotos ou vídeos íntimos da mulher com a finalidade de chantagem. Esse último fenômeno é mostrado em *Garotas mortas*. Rosa, capitã de um time de vôlei, resolve terminar o relacionamento com Juan, seu primeiro namorado, por conta do ciúme excessivo dele e de sua personalidade violenta. Não aceitando o término, Juan publicou no jornal local uma carta contando em detalhes as relações amorosas com Rosa, “um equivalente aos vídeos que mais de cinquenta anos depois os amantes despeitados divulgam na internet: a exposição pública da intimidade de uma mulher” (ALMADA, 2018, p. 60).

Embora a violência psicológica não signifique feminicídio, é, dentre outros tipos de violência contra a mulher, como a sexual, a patrimonial – como no caso da personagem que entrega todo o salário ao marido – e a moral, ou juntamente com elas, um conjunto que pode levar ao feminicídio. Segundo Esther Pineda, essas violências são um continuum realizado para neutralizar a mulher (2019, p. 49), o que Diana Russell chama de aterrorização sexista (2006, p. 58). E foi esse continuum que levou Rosa à morte: algum tempo depois, Juan a perseguiu na rua e a esfaqueou. Como assinala Diana Russell “[...] o risco das mulheres se converterem em vítimas de feminicídio por seus parceiros masculinos é muito maior para aquelas que iniciam o fim da relação²⁷” (2006, p. 346).

Do continuum de violência ou aterrorização sexista se livrou a mãe da narradora. Ela conta que a mãe sempre falava que logo quando se casou, ainda muito jovem, estava almoçando com o marido quando ele levantou uma das mãos em direção a ela, como se fosse lhe dar um tapa e ela lhe cravou um garfo no braço. “Meu pai nunca mais bancou o valentão” (ALMADA, 2018, p. 35). Há, no entanto, mulheres no romance que sofriam reiteradas violências físicas do marido, como Marta, “a vizinha espancada pelo marido” (ALMADA, 2018, p. 35), e Bety, dona de uma mercearia que apanhava do marido – vizinhos diziam que “ele sabia bater, porque não se viam os roxos” (ALMADA, 2018, p. 36), mas ninguém nunca o denunciou. Destarte, de acordo com o estudo da ONU, “A forma mais comum de violência experimentada pelas mulheres em todo o mundo é a violência dentro do casal²⁸” (2006, p. 43).

Apesar da mãe e da tia narradora terem conseguido evitar mais violência, assim como algumas outras, uma grande parte delas foram assassinadas brutalmente. Almada, inclusive, as nomeia. São mulheres assassinadas

ridiculizan, las humillan, las torturan, las golpean y las castigan”. Tradução nossa.

27 No original: “[...] el riesgo de las mujeres de convertirse en víctimas de feminicidio por sus parejas masculinas es mucho mayor para aquellas que inician el fin de la relación”. Tradução nossa.

28 No original: “La forma más común de violencia experimentada por las mujeres en todo el mundo es la violencia dentro de la pareja”. Tradução nossa.

por facadas, por tiro, estranguladas, queimadas e espancadas (ALMADA, 2018, p. 121). Muitas têm os corpos abandonados em lugares inóspitos, como Maria Luísa Quevedo, já mencionada aqui, que foi jogada em um terreno baldio, Ángeles Rawson, uma adolescente de dezesseis anos, assassinada e largada em uma estação de tratamento de lixo (ALMADA, 2018, p. 80), a taxista Mónica Leocato, achada em uma estrada rural após ser estuprada e estrangulada em seu carro (ALMADA, 2018, p. 87), e Maira Tévez, de vinte e um anos, assassinada com um tiro na cabeça e esquartejada – o criminoso espalhou partes do corpo em terreno baldio e em um lixão. Por sua vez, o assassino de Alejandra Martínez, uma adolescente de dezessete anos, executou o crime com terrível brutalidade: a vítima foi encontrada em um terreno “seminua [...] Tinham decepado seus mamilos, extirpado a vagina e cortado a polpa da maioria dos dedos” (ALMADA, 2018, p. 44). Depois de preso por dois anos, seu padrasto foi liberado por falta de provas. Para a vizinha do terreno, o padrasto era o culpado, para os moradores da região, os assassinos eram filhos de políticos e funcionários da polícia.

Nenhum dos feminicídios narrados no romance foi devidamente esclarecido. As mulheres sofreram com a violência física e suas memórias com a impunidade, o que é confirmado pelo estudo da ONU quando diz que “[...] a violência está presente antes do homicídio de formas diversas ao longo da vida das mulheres. Depois de perpetrado o homicídio, continua como violência institucional através da impunidade²⁹” (2006, p. 22). Desse modo, como assevera Esther Pineda, “a impunidade e a burocracia favorecem a ocorrência destes feminicídios³⁰” (2019, p. 61).

No epílogo, a narradora diz: “Agora estou com quarenta anos e, diferentemente [...] dela e dos milhares de mulheres assassinadas em nosso país de lá pra cá, continuo viva. Apenas uma questão de sorte” (ALMADA, 2018, p. 121).

4. Considerações finais

Os textos de Gabriela Cabezón Cámara e de Selva Almada abordam temas relativos à violência contra mulheres: violação sexual, violência psicológica e física e feminicídio. E ainda, no caso de *Le viste la cara a Dios*, do tráfico de mulheres e da escravidão sexual, crimes em diversas partes do mundo. A novela e o romance exemplificam uma questão premente na Argentina, assim como em toda a América Latina: o poder masculino.

Esther Pineda se refere à situação da mulher em uma sociedade sexista, misógina, androcêntrica e falocêntrica como em *condição de risco* (2019, p. 26). Ademais, ela assinala que “Os homens durante séculos têm sido socializados com a permissividade e a promoção da violência para a apropriação de tudo aquilo que surge diante de seus olhos e deseja possuir [...] e, portanto, socializados também para a vitimização e aniquilação das mu-

29 No original: “la violencia está presente antes del homicidio de formas diversas a lo largo de la vida de las mujeres. Después de perpetrado el homicidio, continúa como violencia institucional a través de la impunidad”. Tradução nossa.

30 No original: “la impunidad y la burocracia favorecen la ocurrencia de estos femicidios”. Tradução nossa.

lheres que se opõem a sua ordem³¹” (2019, p. 26). Pensamento semelhante tem Marcela Lagarde de los Ríos, que cunhou o conceito de *cativeiro* (2015, p. 80) ao analisar a situação das mulheres forçadas a se submeterem ao poder masculino.

Trata-se, portanto, de algo intrínseco à história da América Latina: o patriarcado. A esse respeito, Rita Laura Segato postula que “a expressão patriarcal-colonial-modernidade descreve adequadamente a prioridade do patriarcado como apropriador do corpo das mulheres³²” (2021, p. 13). De fato, a empresa colonial na América Latina propiciou uma estrutura que privilegiava os homens, e esse projeto tem sido mantido e reproduzido de forma que as mulheres sejam sempre subalternizadas, evidenciando a inequidade dos sexos, como no mercado de trabalho, nas relações entre casais e domésticas, e, em sua forma mais cruel, na violência física, sexual, psicológica, emocional e no feminicídio. Nesse sentido, como assinala Marcela Lagarde y de los Ríos,

A violência de gênero é um mecanismo político cuja finalidade é manter as mulheres em desvantagem e desigualdade no mundo e nas relações com os homens, permite excluir as mulheres do acesso a bens, recursos e oportunidades, contribui para desvalorizar, depreciar e amedrontar as mulheres e reproduz o domínio patriarcal³³ (2004, p. 6).

As teóricas referidas neste artigo apontam o feminismo como um importante operador de superação do patriarcado, como diz Pineda, da situação de risco, ou como define Lagarde, do cativeiro. É por meio da literatura que, por exemplo, Gabriela Cabezón Cámara, uma das fundadoras do movimento argentino Ni una menos – que luta contra a violência de gênero e o feminicídio - exerce seu feminismo. Assim, o feminismo luta pela “transformação das mulheres em sujeitos políticos e, em consequência, o paulatino desaparecimento do gênero como parte de um novo projeto cultural³⁴” (LAGARDE, 2015, p. 881).

Referências

ALMADA, Selva. **Garotas mortas**. São Paulo: Todavia, 2018.

31 No original: “Los hombres durante siglos han sido socializados desde la permisividad y la promoción de la violencia, para la apropiación de todo aquello que se erige ante sus ojos y desea poseer [...] y, por tanto, socializados también para la victimización y aniquilación de las mujeres que se oponen a su mandato”. Tradução nossa.

32 No original: “la expresión patriarcal-colonial-modernidad describe adecuadamente la prioridad del patriarcado como apropiador del cuerpo de las mujeres”. Tradução nossa.

33 No original: “La violencia de género es un mecanismo político cuyo fin es mantener a las mujeres en desventaja y desigualdad en el mundo y en las relaciones con los hombres, permite excluir a las mujeres del acceso a bienes, recursos y oportunidades; contribuye a desvalorizar, denigrar y amedrentar a las mujeres y reproduce el dominio patriarcal”. Tradução nossa.

34 No original: “transformación de las mujeres en sujetos, y en sujetos políticos, y en consecuencia, a la paulatina desaparición del género, como parte de un nuevo proyecto cultural”. Tradução nossa.

CÁMARA Gabriela Cabezón. **Le viste la cara a Dios**. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2019.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Por la vida y la libertad de las mujeres**. Fin al feminicidio. Fev. 2004. Disponível em: <<http://archivos.diputados.gob.mx/Comisiones/Especiales/Feminicidios/docts/mlagardefeminicidio.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2023.

_____. Introdução. In: RUSSELL, Diana E.; HARMES, Roberta A. **Feminicidio: una perspectiva global**. México: Universidad Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2006. p. 15-42.

_____. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: Siglo XXI Editore, 2015.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Estudio a fondo sobre todas las formas de violencia contra la mujer**. Asamblea General. 6 jul. 2006. Disponível em: <<https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2016/10742.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

_____. CEPAL, Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe. **Feminicidio**. Disponível em: <<https://oig.cepal.org/pt>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PELLER, Mariella; OBERTI, Alejandra. Escribir la violencia hacia las mujeres. Feminismo, afectos y hospitalidad. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-13, 2020.

PINEDA, Esther. **Cultura femicida: el riesgo de ser mujer en América Latina**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2019.

RUSSELL, Diana E. Introducción: las políticas del feminicidio. In: RUSSELL, Diana E.; HARMES, Roberta A. **Feminicidio: una perspectiva global**. México: Universidad Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2006. p. 57-72.

_____. Feminicidio: la “solución final” de algunos hombres para las mujeres. In: RUSSELL, Diana E.; HARMES, Roberta A. **Feminicidio: una perspectiva global**. México: Universidad Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2006. P. 345-366.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.